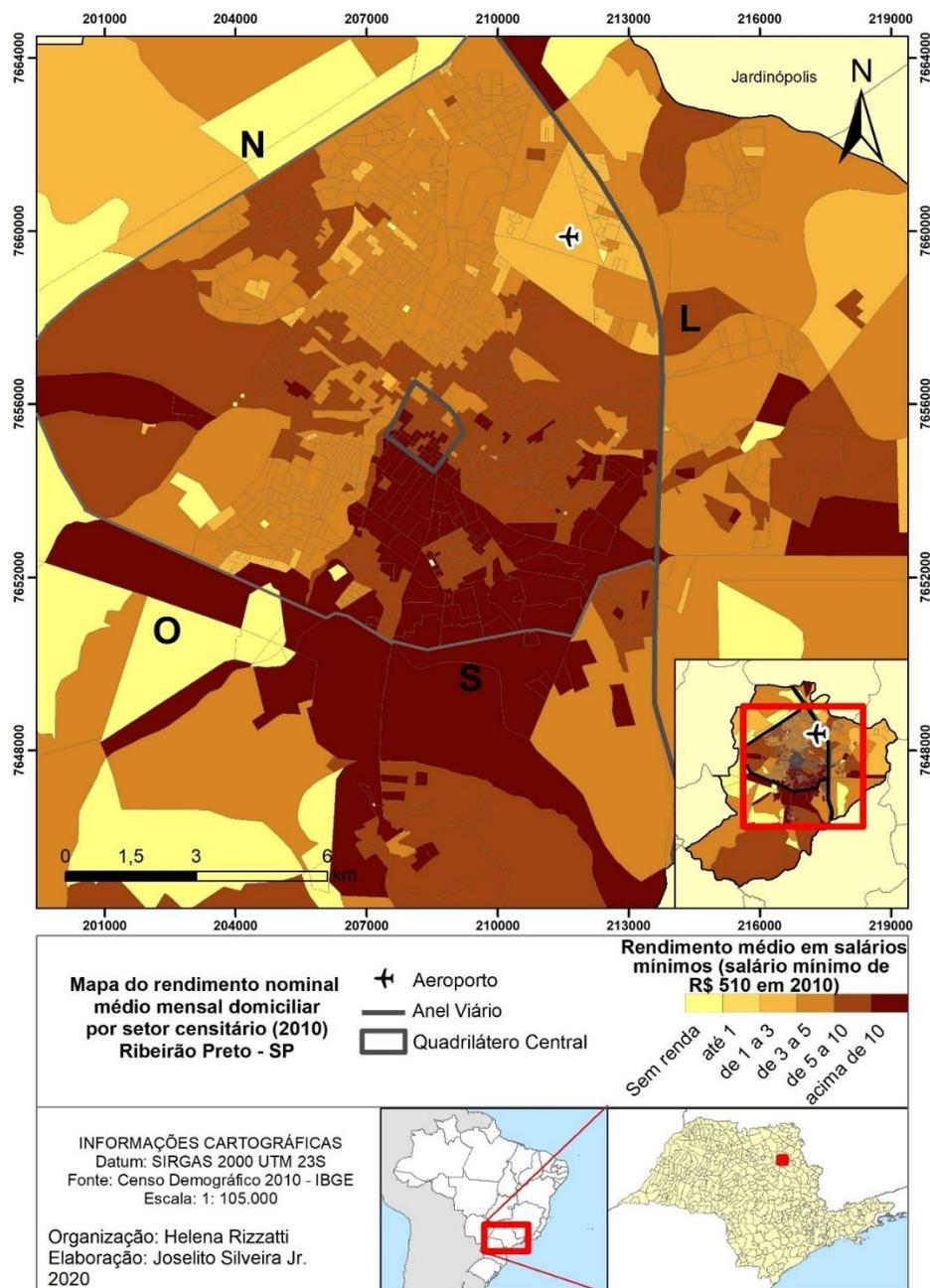


URBANIZAÇÃO CORPORATIVA E INTERSECCIONALIZADA EM RIBEIRÃO PRETO/SP (2010)¹

Autora: Helena Rizzatti
 helenarizzattifonseca@gmail.com

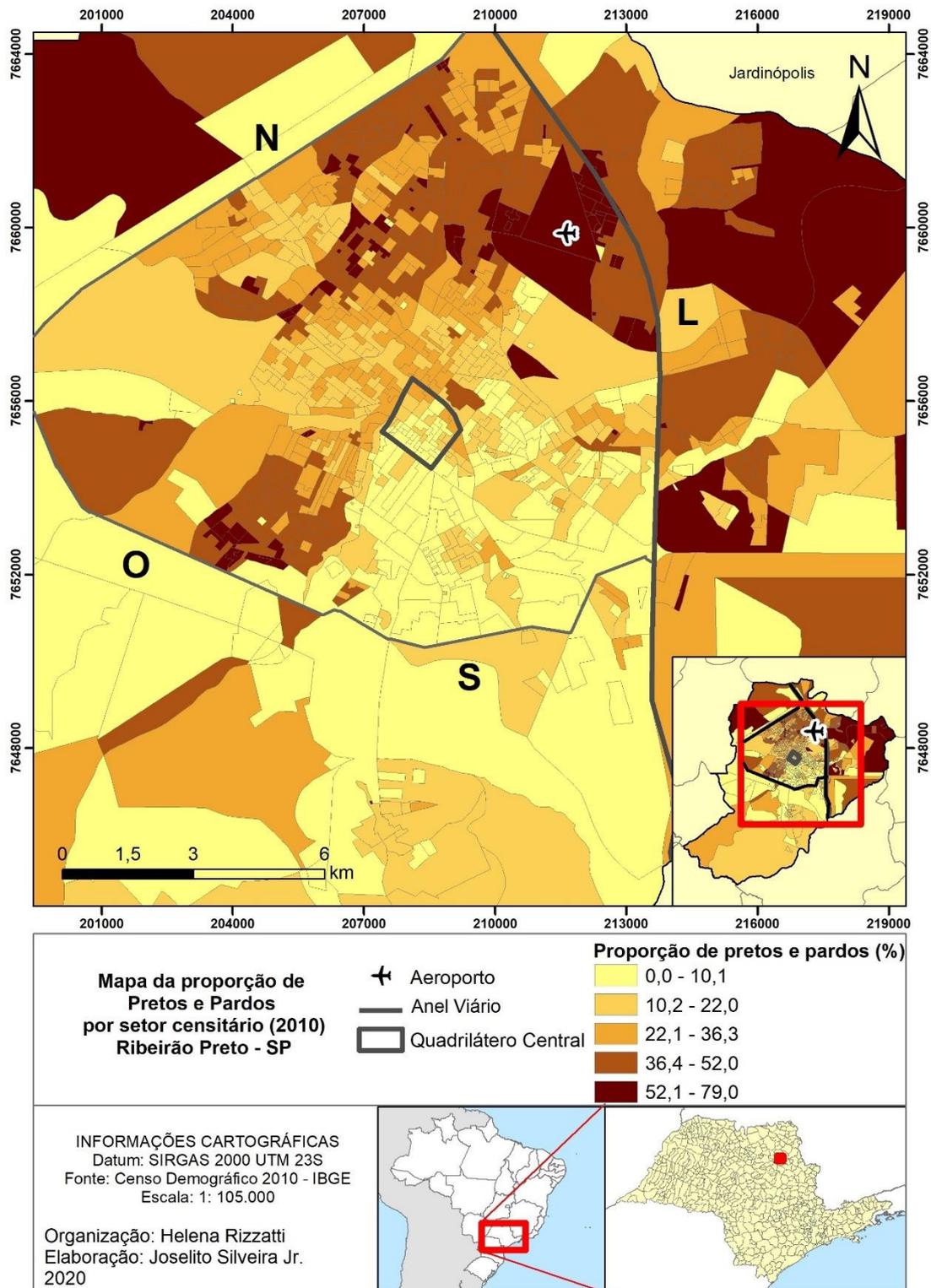
Orientadora: Adriana Maria Bernardes da Silva
 abernar@unicamp.br

MAPA 1

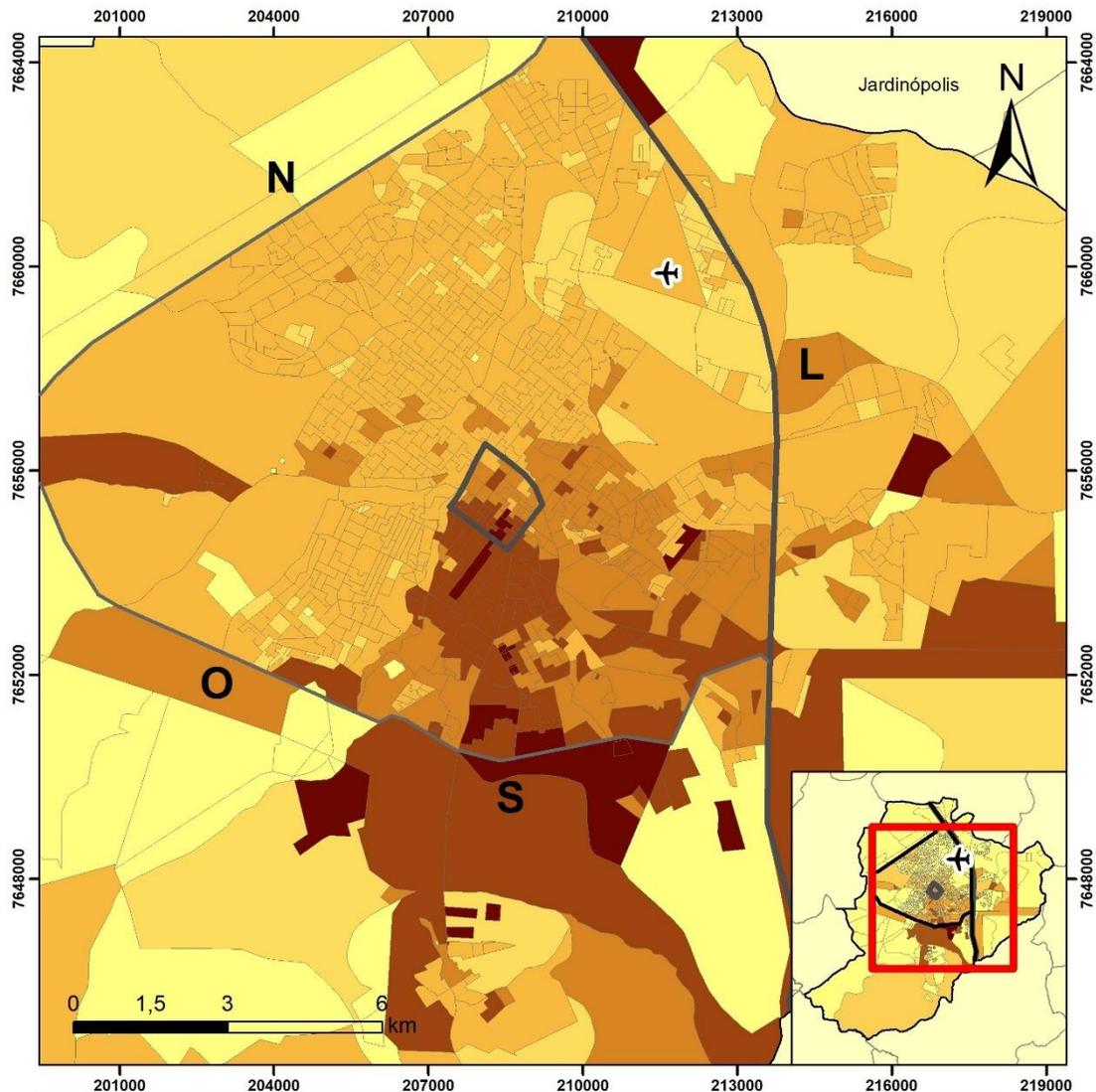


¹ Mapa disponível na tese: RIZZATTI, Helena. Urbanização corporativa vista pelo avesso: periferização, interseccionalidade e lugar - uma análise a partir das ocupações de terras urbanas. 2020. 1 recurso online (391 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/346710>

MAPA 2



MAPA 3



Mapa do rendimento nominal mensal médio por domicílios chefiados por mulheres por setor censitário (2010) Ribeirão Preto - SP

✈ Aeroporto
 — Anel Viário
 □ Quadrilátero Central

Rendimento médio em salários mínimos (salário mínimo de R\$ 510 em 2010)

Sem renda
 até 1
 de 1 a 3
 de 3 a 5
 de 5 a 10
 acima de 10

INFORMAÇÕES CARTOGRÁFICAS
 Datum: SIRGAS 2000 UTM 23S
 Fonte: Censo Demográfico 2010 - IBGE
 Escala: 1: 105.000

Organização: Helena Rizzatti
 Elaboração: Joselito Silveira Jr.
 2020

URBANIZAÇÃO CORPORATIVA E INTERSECCIONALIZADA EM RIBEIRÃO PRETO/SP (2010)

Autora: Helena Rizzatti
helenarizzattifonseca@gmail.com

Orientadora: Adriana Maria Bernardes da Silva
abernar@unicamp.br

Para a análise da segregação socioespacial em Ribeirão Preto/SP esmiuçamos na tese seu processo de periferização com a intenção de compreender as políticas urbanas municipais que levaram à alta concentração da população de baixa renda e negra nas zonas Norte e Sudoeste. Buscamos demonstrar como a formação socioespacial brasileira (Santos, 2008 [1978]), que se reflete na cidade analisada, esteve calcada na manutenção da reduzida possibilidade de acesso às modernidades capitalistas por parte dessa população até os dias atuais, característica que define a periferia na nossa análise (Santos, 2009), instituindo a segregação racial no espaço urbano.

Soma-se a isso, a produção generificada do espaço urbano (Helene, 2019) que associa de maneira dicotômica o espaço público e o espaço privado/doméstico ao espaço produtivo e espaço reprodutivo nos quais se reproduziriam os trabalhos “produtivo” e “reprodutivo”² respectivamente. Associando esse fenômeno à urbanização corporativa e à segregação racial socioespacial compreendemos a urbanização corporativa e interseccionalizada demonstrada pela periferização que afeta majoritariamente a população negra, com destaque para as mulheres negras por meio da denominada feminização da pobreza.

Como sintetiza Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2015, p. 41) “(...) não se pode tratar a diferença de renda como questão de gênero isoladamente. As desvantagens incidem sobre *determinadas mulheres* relativamente a *determinados homens*, gênero, raça e classe produzem conjuntamente as hierarquias que colocam *mulheres negras* em posição de maior desvantagem”. Não obstante, são pessoas munidas de saberes, conhecimentos e ancestralidades que lhes permitiram resistir de maneira conflituosa, criativa e diversa que também precisa ser compreendida.

Com base nisso, espacializamos os dados de renda média mensal domiciliar (mapa1), a distribuição da população por cor (mapa 2) e o rendimento médio mensal de domicílios chefiados por mulheres (mapa 3) em Ribeirão Preto demonstrando essa intersecção das desigualdades no processo de urbanização corporativa e interseccionalizada. Os dados

² Entendermos trabalho “reprodutivo” como as atividades necessárias para a reprodução da vida, não remuneradas e realizadas principalmente, mas não só, no espaço privado/doméstico; e o trabalho “produtivo” relacionado às atividades remuneradas que ocorrem no espaço público, mas não se restringem a ele (Federici, 2019). O uso das aspas se deve à discordância com essa classificação que trata o trabalho “reprodutivo” como apartado do trabalho “produtivo”, sendo totalmente necessário a este, posto que, sem a reprodução social não é possível que o trabalho “produtivo” seja realizado (Fraser, 2016).

foram mapeados a partir dos setores censitários e são do último censo demográfico nacional (IBGE, 2010).

Os três mapas indicam as zonas dinamizadas para compreender a segregação socioespacial de Ribeirão Preto, a partir do contorno delimitado pelo Anel Viário. Indica-se com a letra N a parcela que é definida como zona Norte, por ser onde se localiza o Contorno Norte do respectivo anel, periferia que se constitui desde o primeiro período de periferização do município (1880-1949) e que se adensará até o momento atual. Área na qual se instalaram uma das primeiras favelas da cidade, posteriormente por meio da construção dos maiores conjuntos habitacionais no terceiro período (1970-1989) e, no período mais recente de periferização (1990 até os dias atuais), com a implantação das ocupações de terras urbanas, principalmente ao redor do aeroporto, também indicado nos mapas. Enquanto a zona Oeste, com a letra O, se destaca pela instalação da maior ocupação organizada de terra da cidade (o Jardim Progresso) na década de 1990, hoje regularizada, expandindo a área opaca da cidade. Já o Anel Viário Contorno Sul, indicado com a letra S, refere-se à parcela mais luminosa na qual se intensifica o processo de revalorização do solo urbano, também a partir da década de 1990 (quarto e atual período de periferização). Por fim, a indicação da região Leste, com a letra L, aponta a área menos dinâmica do território ribeirão-pretano devido às fragilidades ambientais que a caracteriza pela presença das recargas do Aquífero Guarani.

Ao observarmos esse conjunto de mapas nota-se na espacialização do rendimento médio mensal dos domicílios (mapa 1) a concentração daqueles com renda acima de dez salários-mínimos desde a ponta sul do Quadrilátero Central até o extremo sul dos limites municipais. Visualiza-se, ainda, como a área que concentra os domicílios com menores rendas se localiza na região do aeroporto, periferia urbana mais recentemente constituída. A distribuição da paleta de cores exposta nesse mapa é quase inversa em relação ao mapa 2 que apresenta a proporção de população preta e parda na cidade. Neste, nota-se essa concentração no limite municipal Oeste e por toda a região Norte onde se concentra, ainda mais, ao redor do aeroporto. Por último, apresentamos a renda média mensal por domicílios chefiados por mulheres (mapa 3). De relance, nota-se a redução geral da coloração em relação ao mapa 1, indicando uma tendência de renda inferior nos domicílios com chefia feminina por todo o município, inclusive na parcela mais luminosa (eixo sul). Observa-se, ainda, como a área ao redor do fixo aeroportuário é a que apresenta as menores rendas.

REFERÊNCIAS

- FRASER, Nancy. "Contradictions of capital and care". *New left review*, 100, p. 99-117, 2016.
- FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- HELENE, Diana. Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 21, n. 46, pp. 951-974, set/dez, 2019.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia nova. São Paulo: EDUSP, 2008 [1978].
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Editora Hucitec, 2008 [1993].

SANTOS, Milton. Metr pole corporativa e fragmentada: o caso de S o Paulo. S o Paulo: Edusp, 2009 [1990].

RIZZATTI, Helena. Urbaniza o corporativa vista pelo avesso: periferiza o, interseccionalidade e lugar – uma an lise a partir das ocupa es de terras urbanas. Tese. Unicamp, Campinas, 2020.